

# Taboo

Mariana Arruda Botelho,<sup>1</sup> São Paulo

Primeiro quero agradecer o convite e a confiança da equipe do *Jornal* para comentar essa edição tão interessante, que trata de forma bastante diversa e reflexiva nossa formação como analista.

Sinto-me em um momento privilegiado para pensar esse assunto, uma vez que estou na última fase do rito para me tornar membro da Sociedade (que é a escrita do segundo relatório). Ao terminar, poderei ter o reconhecimento pela Sociedade e pela IPA de minha condição de analista desta instituição. Hoje eu sou uma analista, atendo por muitas horas no meu consultório, mas aqui sou candidata (ou membro filiado, como recentemente São Paulo passou a nomear).

Estou no Instituto desde 2015 e sou representante da AMF na Comissão de Ensino. Nesta condição entendo que possuo uma experiência atual e fresca desse processo que engloba tanto minha formação pessoal no que tange a minha clínica quanto a formação institucional, um outro pé da formação.

É com base nesse lugar que vou me autorizar a alguma liberdade e compartilhar minhas impressões sobre o que tenho vivido, recebido e observado dessa instituição – pelo lado de fora da porta, é verdade, mas espiando atentamente pelo buraco da fechadura.

Me foi pedido para avaliar mais detidamente a parte do *Jornal* de que constam as atas sobre os grupos de trabalho do Congresso didático ocorrido em 2007 e refletir sobre as questões postas àquela época, comparando-as com as questões atuais. Pouco mais de uma década se passou, alguns temas que naquele momento eram ideias hoje foram postos em prática – o mais importante, a meu ver, a análise de baixo custo, e entendo como um desdobramento desse tema o atual Projeto Virgínia Bicudo. Outros permaneceram sob tensão, como o número de sessões semanais e a duração da função didática dos analistas.

1 Membro filiado ao Instituto Durval Marcondes da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo (SBPSP).

Percebo que esses temas são mais espinhosos, permanecendo como tabus até hoje.

Vou me deter sobre o tema “número de sessões” e tentar destrinchar algum pensamento sobre esse “fenômeno tabu” e seus impactos sobre nossa formação.

Em 2007 parecia haver um consenso entre os presentes ao encontro de que o número de sessões deveria variar entre três e cinco. No entanto, o número definido por votação (algum tempo depois desse encontro), quatro, ganhou. E muita coisa interessante que foi pensada sobre o tema, como o risco de engessamento institucional e resistência a mudança, foi abafada. Portanto, apesar da rica conversa, não houve mudança.

O número exato escolhido confirmou a minha impressão de que os presentes viviam uma dificuldade de trabalhar divergências, e de pensar mais profundamente sobre as diferentes posições.

Como alguém que fez muitos anos de análise três vezes na semana e outros muitos quatro vezes, arrisco dizer que ambas foram análises de alta frequência, e, nos momentos que senti que precisei diminuir ou aumentar o número de sessões, o arranjo tecido entre mim e meu analista foi extremamente benéfico para o desenvolvimento de nosso vínculo. Não tenho dúvida de que quem busca essa formação aqui nesta casa entende e aprecia análises de alta frequência, não me parecendo justificada a mera disputa numérica.

Como filiada, entendo que seriam muito mais interessantes e férteis trabalhos mais elaborados sobre essa pequena, mas aparentemente grande, diferença, buscando respostas a essas questões no âmbito da metapsicologia.

Considero angustiantes para a formação certas exigências que se distanciam em demasia de nossa experiência clínica. Cria um abismo pouco fértil.

Penso que essa disputa numérica persiste até hoje, dividindo grupos, acirrando disputas políticas e alimentando o tabu. Os tabus podem inibir a busca por conhecimento, e isso seria uma espécie de deformação no sentido pejorativo.

Penso que tensões sempre se estabelecem entre anseios por mudanças e defesas conservadoras, seja por confrontos geracionais, ou de classes etc. Isso faz parte da comunidade humana. As tensões exigem trabalho de elaboração para não se tornarem sintoma, adoecimento ou até mesmo ruptura. Temo que, humanos que somos, estamos tendo dificuldades de escapar à

poeira cósmica da polarização. E para mim esse é um risco a uma instituição psicanalítica.

Essa beligerância implícita é uma espécie de ataque à mente do analista em formação.

Recorro a Freud quando ele discorre sobre a longevidade e sobrevivência do povo judeu. Ele atribui a destruição de Jerusalém e do templo de Salomão como o que teria garantido a sobrevivência desse povo. Chegando a dizer que o edifício invisível do judaísmo se ergueu diante das sucessivas destruições de seus templos.

Com base nessa analogia, pergunto: qual seria o edifício invisível da psicanálise que esse grupo pratica? As quatro vezes na semana?

Ou estaríamos cultivando o templo visível e nos esquecendo do poderoso edifício interno? Essas, para mim, são boas questões sobre as quais, como psicanalistas, deveríamos nos debruçar... e, como bem escreveu nosso colega Flávio Goesling (2022), essas questões ficam muito mais nos bastidores, pouco favorecendo um aprendizado e desenvolvimento institucional.

Por outro lado, no que tange a minha formação pessoal por essa instituição, considero-me privilegiada, pois não creio ter sofrido nenhuma deformação. Os momentos em que tensões e divergências apareceram (em análise, supervisão ou com o grupo), o processo, embora sofrido, não deformou o que estava por emergir, ao contrário, fortaleceu um crescimento, promoveu mudanças. Assim, entendo que as boas condições para a mente que recebi dessa instituição favoreceram meu desenvolvimento. Tenho o privilégio de ser vista sendo enquanto me torno, seja pelo meu analista, pelos meus colegas, supervisor ou pacientes. Esse contato íntimo e frequente com o outro me desconstrói e reconstrói. Sobretudo, permite que eu sustente meu lugar de analista que se situa constantemente entre o caos e a ordem.

Isto é, alimento-me do edifício invisível dessa instituição e acho pobre a forma como o debate sobre os templos vem-se dando.

Esses assuntos tabus me parecem obscurecer outros assuntos sobre os quais já deveríamos estar nos debruçando. A psicanálise não pode estar alheia a sua cultura. Vivemos uma pandemia, e a forma de atender tornou-se online do dia para a noite. Fomos atropelados pela digitalidade e estamos com pouco fôlego para elaborar aquilo em que estamos nos tornando. Esse evento híbrido evidencia nossa maleabilidade, todavia, precisamos pensar em tudo isso. A psicanálise dos corpos está ameaçada? Outro dia, conversando com uma colega sobre o novo tabu (online), nos perguntávamos se

a falta do corpo daria conta de trabalhar o traumático? O encontro com a alteridade é da ordem do traumático, e a Sociedade Brasileira tem muitos traumas e feridas para trabalhar. Eu posso frequentar seminários sobre as questões de raça ou gênero, posso aprender a linguagem neutra, e posso mesmo assim estar apenas me formatando ou deformando. Pois é na experiência e contato com o outro estranho e familiar que trabalho internamente essas questões e posso me modificar verdadeiramente. Se eu pudesse simplificar o que entendo sobre o encontro analítico compreendido por esta casa, seria justamente o aumento da capacidade de encontro com a alteridade dentro e fora de nós. Esse, na minha humilde opinião, seria o nosso ouro.

E, em tempos de inteligência artificial, seria nossa subversão.

Sei que fazer coexistir hierarquia e democracia é uma tarefa árdua e sofisticada, e acredito que bons encontros e confrontos nos ajudarão a ser bem-sucedidos nessa tarefa.

Esta minha fala, embora curta, tentou comunicar esses oito anos de formação nesta instituição por meio da percepção que ela dá como uma instância formadora. Resolvi fazer um exercício que foi perguntar para o ChatGPT (inteligência artificial). E vou ler a minha pergunta à inteligência artificial e sua resposta para mim...

Pergunta

*Quando as regras aprisionam e quando elas libertam?*

Resposta

As regras aprisionam quando são impostas de forma autoritária, limitando a liberdade e autonomia das pessoas, restringindo a criatividade e inovação. Além disso, regras que não levam em consideração as diferenças individuais e culturais tornam-se opressivas e excludentes.

Por outro lado, as regras podem libertar quando são estabelecidas de forma democrática, respeitando os interesses de todos os envolvidos. Regras bem elaboradas podem garantir a segurança e igualdade de oportunidades para as pessoas, contribuindo para um ambiente mais saudável e favorável ao desenvolvimento humano. O equilíbrio entre a necessidade de regras e a preservação da liberdade individual é um desafio constante e exige tanto uma reflexão crítica sobre as normas estabelecidas quanto a criação de espaços para o diálogo e a participação das pessoas na construção de novas formas de viver e conviver em sociedade.

O texto acima foi lido em um evento do *Jornal de Psicanálise* em 18/03/2023 e em 15/04/2023 transcrito para a nova edição do *Jornal* como forma de dar continuidade ao tema. Resolvi por curiosidade fazer a mesma pergunta ao ChatGPT. Para a minha surpresa, deparei com uma resposta diferente. Não completamente, mais sucinta, menos específica talvez.

Menos de 30 dias de intervalo, e a IA já se incrementou com base em algum aprendizado, não notei mudança drástica na essência, embora isso possa ocorrer em algum momento.

Convenço-me de que a capacidade de aprender deve fazer parte da formação de um analista, e, se essa capacidade estiver comprometida, nossa função estará comprometida.

### **Abaixo a nova resposta da IA**

As regras podem tanto aprisionar quanto libertar, dependendo do contexto e do propósito em que são aplicadas.

Por um lado, regras podem ser utilizadas para estabelecer limites e garantir a segurança e o bem-estar das pessoas em uma determinada sociedade ou grupo. Regras claras e bem definidas podem fornecer orientação e direção para as pessoas, ajudando-as a tomar decisões informadas e evitar comportamentos prejudiciais ou perigosos.

Por outro lado, regras excessivamente restritivas ou mal concebidas podem limitar a liberdade e a criatividade das pessoas, impedindo-as de explorar novas ideias e oportunidades. Regras que são aplicadas de forma inflexível ou sem consideração pelas circunstâncias individuais podem levar à injustiça e à opressão.

Assim, é importante que as regras sejam avaliadas cuidadosamente para garantir que estejam servindo ao propósito desejado e que sejam aplicadas com bom senso e flexibilidade quando necessário.

### **Referência**

Gosling, F. (2022). A flexibilidade dos origamis e riscos de engessamento. Impressões e influências do analista. *Jornal de Psicanálise*, 55(103), 253-268.

Mariana Arruda Botelho  
marrudabotelho@gmail.com